

Final report

Os efeitos da  
perturbação  
do mercado  
de exportação  
de feijão bóer  
na segurança  
alimentar das  
famílias em  
Moçambique

---

Alberto da Cruz  
Jorrit Oppewal  
Mattia Polvanesi

2018

S-MOZ004-MOZ-1



DIRECTED BY



FUNDED BY



# Índice

<b>Sumário Executivo.....</b>	<b>2</b>
<b>2. Antecedentes.....</b>	<b>3</b>
<b>3. Objectivos e Metodologia.....</b>	<b>5</b>
<b>4. Agricultores de Feijão Bóer e Produção em 2017 .....</b>	<b>6</b>
<b>5. Alimentação ou Dinheiro .....</b>	<b>9</b>
<b>6. Impacto do Colapso do Preço de Feijão Bóer em 2017.....</b>	<b>16</b>
<b>7. Conclusão e Recomendações.....</b>	<b>23</b>

## Sumário Executivo

Na última década, a produção de feijão bóer nas zonas rurais do Centro e Norte de Moçambique cresceu exponencialmente, com base na crescente procura indiana. Os preços altos, em combinação com características agronómicas favoráveis, asseguraram que o número de produtores desta leguminosa ultrapassasse 1 milhão em 2015 e 2016. Porém, um estímulo paralelo do Governo da Índia para encorajar a produção nesse país, através de preços mínimos garantidos mais elevados, em combinação com uma boa época chuvosa, resultou numa super-colheita em 2017. Como resultado, o preço caiu de forma significativa e a Índia decidiu introduzir uma quota de importação em Agosto de 2017. O acesso reduzido ao único mercado significativo para a exportação de feijão bóer causou o colapso do preço ao produtor em Moçambique, passando de até MZN 50/kg em 2016 para aproximadamente MZN 5/kg em 2017.

Este documento apresenta os resultados de um inquérito a 447 produtores em dois distritos da Província da Zambézia (Milange e Mocuba) e dois distritos da Província de Nampula (Monapo e Mecuburi), para avaliar o impacto da queda do preço na segurança alimentar e bem-estar dos agregados familiares. Os resultados confirmam a importância desta cultura, uma vez que quase todos os produtores (97%) cultivaram-na em 2016-17. Porém, o papel específico e sua importância diferem substancialmente entre as duas províncias. A produção média por produtor é muito mais alta na Zambézia (469 kg) do que em Nampula (176 kg), e a proporção dos agricultores que produziram mais do que 500 kg foi de 22% na Zambézia, contra 6% em Nampula. O feijão bóer é uma cultura de rendimento importante na Zambézia, onde 90% dos agricultores classificam-na entre as duas culturas de rendimento mais importantes. Como consequência, as comunidades na Zambézia sofreram mais com a queda do preço, e viram o seu rendimento da comercialização do feijão bóer cair MZN 11,000 em relação ao que esperavam. Os resultados do inquérito indicam que a situação de segurança alimentar é aceitável, mas que muitos agregados familiares, particularmente na Zambézia, tiveram que adotar estratégias negativas de adaptação, com impacto nos meios de subsistência. Os agricultores em Nampula geralmente têm um portfólio agrícola muito mais diversificado, e assim ficaram menos expostos aos efeitos negativos da queda do preço do feijão bóer.

Neste contexto, uma das principais recomendações é um esforço coordenado para promover a diversificação para outras culturas, particularmente nos distritos que dependiam mais do feijão bóer. Ao mesmo tempo, o inquérito revelou que a maioria dos produtores continua com o cultivo do feijão bóer. Tomando em conta a sua importância, a cultura merece mais atenção, de forma sistemática, pelos vários intervenientes, particularmente para garantir a sua inclusão nas estatísticas de produção e sistemas de informação de mercados e preços. Por fim, seria importante promover o consumo desta leguminosa altamente nutritiva, o que estimularia a segurança alimentar e simultaneamente reduziria a dependência do mercado volátil internacional (indiano).

## 1. Antecedentes

Moçambique, um país de rendimento baixo com défice alimentar, e com 70% da população que depende da agricultura de subsistência, emergiu recentemente como uma das principais origens de importações indianas de feijão bóer. Na última década, a produção de feijão bóer em Moçambique expandiu-se rapidamente, impulsionada pela alta procura indiana e pelos altos preços ao produtor, acompanhado por esforços dos comerciantes e da sociedade civil, assim como das organizações de desenvolvimento, de promoção desta cultura. O aumento da produção centrou-se nas duas províncias mais vulneráveis e populosas do país, Zambézia e Nampula, onde se tornou uma das culturas de rendimento mais importantes. O entusiasmo em relação ao potencial e benefícios do cultivo de feijão bóer em Moçambique aumentou ainda mais quando o Governo de Moçambique assinou um Memorando de Entendimento com o Governo da Índia em 2016 relacionado à expansão das exportações de feijão bóer moçambicano.

Contudo, o Governo Indiano trabalhou simultaneamente na promoção e adopção de medidas para garantir a auto-suficiência do país em leguminosas, principalmente no feijão bóer. Este facto, combinado com a boa estação chuvosa, resultou numa colheita recorde na Índia. Como resultado, o preço de mercado entrou em colapso no início de 2017, provocando protestos de agricultores, e em Agosto de 2017 o Governo indiano respondeu impondo uma quota de importação de 200,000 toneladas de feijão bóer, tendo importado mais de 700,000 toneladas no ano anterior. Visto que a Índia é praticamente o único importador de feijão bóer no mercado internacional, os comerciantes moçambicanos responderam à quota de importação diminuindo as suas operações de compra. O contexto e as implicações desses acontecimentos foram discutidos num relatório do *International Growth Centre* (IGC) (Da Cruz e Oppewal 2017a).

O efeito imediato foi que o preço ao produtor em Moçambique caiu em quase 90%, de mais de 40 MZN/kg em 2016 para menos de 5 MZN/kg até Outubro de 2017, ameaçando o rendimento de centenas de milhares de agricultores afectados. Além disso, considerando a importância do feijão bóer em certos distritos, a situação pode potencialmente criar efeitos colaterais que poderiam levar a situação de crise socioeconómica no meio rural. De facto, de acordo com os relatórios do IGC sobre Mocuba, por exemplo, nos anos anteriores, os comerciantes e proprietários de lojas da capital do distrito iam até as aldeias, geralmente em Outubro / Novembro, para vender bens de consumo (móveis, bicicletas, telefones celulares, etc.) aos agricultores que acabavam de receber o dinheiro recebido com a venda do feijão bóer. Contudo, em 2017, isso não aconteceu (Da Cruz e Oppewal 2017b). Além disso, os autores aludem à possibilidade de que os agricultores emergentes, que geralmente contratam serviços de

*ganho-ganho*<sup>1</sup> para aumentar a sua área cultivada, não terão meios para fazê-lo na próxima campanha agrícola. Isso poderia ter um impacto negativo no mercado de trabalho rural e levaria a uma redução na área total cultivada. É importante sublinhar que para o caso de Nampula, os autores notaram que a situação é completamente diferente, uma vez que os agricultores dependiam menos do feijão bóer e tinham um portfólio de culturas mais diversificado.

A falta de disponibilidade de dados constitui uma grande limitação para avaliar o número de agricultores envolvidos e a escala dos possíveis canais de impacto em diferentes locais. Os sistemas nacionais de dados não distinguem os diferentes tipos de feijões e ervilhas, o que dificulta a análise. Contudo, uma análise minuciosa dos dados de importação indianos revela que na colheita de 2016, Moçambique exportou mais de 170,000 toneladas de feijão bóer, valor correspondente a mais de USD 120 milhões (Da Cruz e Oppewal 2017a). Combinando os dados do comércio indiano e os dados dos vários Inquéritos Agrícolas de Moçambique (TIA / IAs), estima-se que pelo menos 1.2 milhões de agricultores moçambicanos estiveram envolvidos no cultivo de feijão bóer em 2017, produzindo mais de 250,000 toneladas (idem).

---

<sup>1</sup> O *ganho-ganho* refere-se à contratação de mão-de-obra sazonal no sector agrícola. Geralmente, os produtores emergentes com uma área acima do que pode ser cultivado usando exclusivamente a mão-de-obra familiar, contratam outras pessoas da comunidade, frequentemente da camada mais pobre, para completar as várias operações agrícolas em tempo e hora.

## 2. Objectivos e Metodologia

No contexto de pouca disponibilidade de dados para avaliar o impacto do colapso dos preços do feijão bóer, o Programa Mundial para a Alimentação (PMA) e o International Growth Centre (IGC) uniram esforços para recolher e analisar informações adicionais sobre a situação pós colheita. O PMA organizou um inquérito aos agregados familiares entre 447 agregados familiares, em 4 distritos, nomeadamente Mecuburi e Monapo, na Província de Nampula, e Milange e Mocuba, na Província da Zambézia. O IGC Moçambique, por sua vez, apoiou na análise dos resultados e na elaboração do relatório.

O objectivo central deste trabalho é de examinar a escala e a profundidade do impacto resultante da interrupção do mercado de exportação do feijão bóer na segurança alimentar e no bem-estar das famílias, procurando estimar a proporção dos agricultores afectados, a escala de perdas directas e indirectas em termos de poder de compra e segurança alimentar. Espera-se que os resultados deste exercício possam ajudar a identificar possíveis opções de resposta<sup>2</sup>.

Em termos de metodologia, foi realizado um inquérito abrangendo 447 agregados familiares entre os dias 19 e 23 de Fevereiro de 2018 nas Províncias de Nampula e Zambézia. Os distritos na Zambézia foram seleccionados com base em Da Cruz e Oppewal (2017b), referindo que Milange e Mocuba parecem estar entre os distritos mais afectados. Os distritos na Província de Nampula foram seleccionados para representar zonas onde o feijão bóer é importante, mas não dominante na economia rural. Um questionário de pesquisa aos agricultores foi usado para recolher dados de 30 pontos em 4 distritos de Nampula e Zambézia com uma meta de 10 domicílios por local.

---

<sup>2</sup> Veja o Anexo para os Termos de Referência

### 3. Agricultores de Feijão Bóer e Produção em 2017

A amostra global consistiu em 447 inquiridos, 51 por cento dos quais vivem nos dois distritos seleccionados da Província de Nampula e os outros 49 por cento nos dois distritos seleccionados da Província da Zambézia (veja Tabela 1). Em termos de características básicas, 85% dos agregados familiares da amostra são chefiados por homens. O tamanho médio de um agregado familiar é de 5.7 na Zambézia e de 5.0 em Nampula.

Mais importante para o propósito deste estudo, 97% dos agregados familiares entrevistados respondeu positivamente que produziu feijão bóer na campanha agrícola 2016/17. Esta percentagem é superior a 93% em cada um dos quatro distritos e constitui uma clara evidência da importância desta cultura no interior da região centro e norte de Moçambique e confirma a preocupação de que o choque de mercado pode ter implicações significativas nestas áreas.

**Tabela 1.** Amostra Total e Número de Produtores de Feijão Bóer.

Província	Distrito	Total	Produziu Feijão Bóer		% que produz f.bóer
			SIM	NÃO	
Nampula	Mecuburi	132	128	4	97.0%
	Monapo	96	96	0	100.0%
	<b>Total</b>	<b>228</b>	<b>224</b>	<b>4</b>	<b>98.2%</b>
Zambezia	Milange	127	119	8	93.7%
	Mocuba	92	88	4	95.7%
	<b>Total</b>	<b>219</b>	<b>207</b>	<b>12</b>	<b>94.5%</b>
<b>TOTAL</b>		<b>447</b>	<b>431</b>	<b>16</b>	<b>96.4%</b>

Daqui para frente, consideramos apenas os 431 agricultores que produziram feijão bóer em 2016/17. Por conseguinte, as percentagens referem-se à percentagem de agricultores de feijão bóer e não a todos respondentes.

A Tabela 2 mostra que o feijão bóer é uma cultura relativamente recente para muitos agricultores, e parece ter ganho terreno particularmente na última década, o que coincide com o período em que a procura de importação indiana começou a acelerar (Da Cruz e Oppewal 2017a). No geral, o feijão bóer tem uma tradição de cultivo mais longa na Zambézia do que em Nampula. Quase 60% dos agricultores de feijão bóer em Nampula produzem a cultura há menos de 5 anos, enquanto este é o caso na Zambézia para 31% dos agricultores. Por outro lado, aproximadamente um quinto dos produtores de feijão bóer produz a cultura há mais de 10 anos e este grupo é maior na Zambézia (26%) do que em Nampula (17%).

**Tabela 2.** Agricultores em Número de Anos de Produção de Feijão Bóer

ANOS	Nampula		Zambezia	
	Produtores	%	Produtores	%
1 - 2 anos	37	16.5%	21	10.1%
3 - 4 anos	97	43.3%	44	21.3%
5 - 6 anos	29	12.9%	39	18.8%
7 - 8 anos	8	3.6%	24	11.6%
9 - 10 anos	15	6.7%	24	11.6%
11 - 15 anos	19	8.5%	13	6.3%
16 - 25 anos	12	5.4%	28	13.5%
> 25 anos	7	3.1%	14	6.8%
<b>Total</b>	<b>224</b>	<b>100%</b>	<b>207</b>	<b>100%</b>
<b>Média</b>	<b>6.5</b>		<b>10.0</b>	
<b>Mediana</b>	<b>3</b>		<b>6</b>	

Enquanto a produção de feijão bóer foi praticamente universal em ambas as províncias, encontramos uma grande diferença quando examinamos os volumes de produção por distrito (Tabela 3). A produção média por agricultor de feijão bóer na Zambézia (479 kg) é quase o triplo do valor equivalente em Nampula (176 kg). A produção de um agricultor típico da Zambézia, a mediana, é de 300 kg, o que é quase 4 vezes a produção de um agricultor típico de feijão bóer em Nampula (80 kg).

Não só observamos diferenças significativas entre as duas províncias, mas também entre os distritos. Na Zambézia, a produção média por agricultor é muito maior em Milange (617 kg) do que em Mocuba (292 kg). Entretanto, em Nampula, a produção média é particularmente baixa no Distrito de Monapo, um pouco abaixo de 100 kg por agricultor. Assim, enquanto o feijão bóer é uma cultura relevante em todos os distritos, produzida virtualmente por todos os agricultores, a sua importância real na economia local e na sociedade pode variar.

A análise da quota de produtores de feijão bóer por volume de produção permite-nos examinar essa diferença com mais detalhes (consulte a Tabela 3 visualizada na Figura 1) e revela que 61% dos agricultores em Nampula produziram menos de 100 kg, contra 14% na Zambézia e apenas 7% no distrito de Milange. Entretanto, a percentagem de agricultores que produziu mais de 500 kg foi de apenas 6% em Nampula, contra 22% na Zambézia e 31% em Milange.

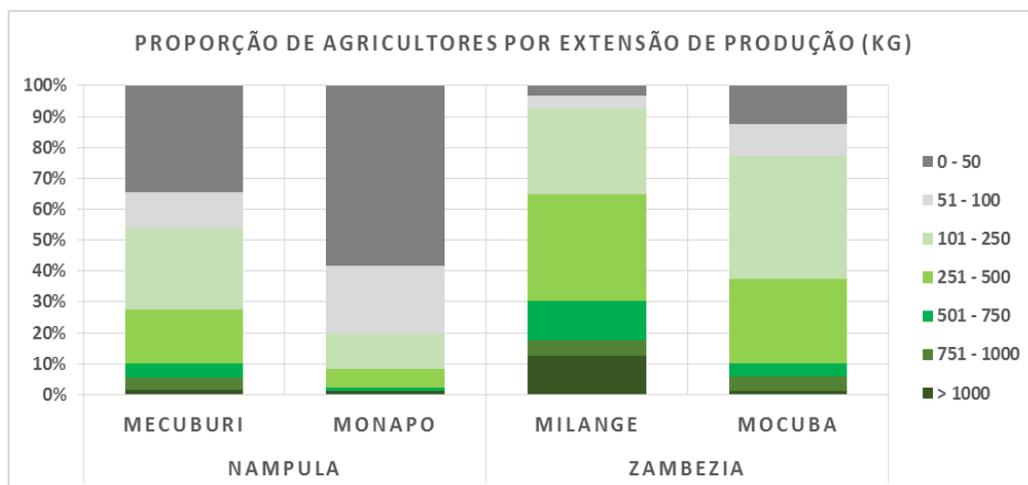
Estas diferenças significativas realçam que o feijão bóer ocupa uma posição muito mais importante na economia rural da Zambézia do que em Nampula. Isto é consistente com as observações feitas por Da Cruz e Oppewal (2017b), sobre os impactos diferenciais do colapso do preço do feijão bóer nas duas províncias.

**Tabela 3.** Produção de Feijão Bóer, 2016/17

*Percentagem de Agregados Familiares que Produzem Dentro do Intervalo Indicado*

KG	Mecuburi	Monapo	Nampula	Milange	Mocuba	Zambezia
<b>0 - 50</b>	34%	58%	<b>45%</b>	3%	13%	<b>7%</b>
<b>51 - 100</b>	12%	22%	<b>16%</b>	4%	10%	<b>7%</b>
<b>101 - 250</b>	27%	11%	<b>20%</b>	28%	40%	<b>33%</b>
<b>251 - 500</b>	17%	6%	<b>13%</b>	34%	27%	<b>31%</b>
<b>501 - 750</b>	5%	1%	<b>3%</b>	13%	5%	<b>9%</b>
<b>751 - 1000</b>	4%	0%	<b>2%</b>	5%	5%	<b>5%</b>
<b>&gt; 1000</b>	2%	1%	<b>1%</b>	13%	1%	<b>8%</b>
<b>Total</b>	100%	100%	<b>100%</b>	100%	100%	<b>100%</b>
<b>Média (kg)</b>	233	99	<b>176</b>	617	292	<b>479</b>
<b>Mediana (kg)</b>	150	50	<b>80</b>	350	245	<b>300</b>

**Figura 1.** Proporção de Agricultores por Extensão de Produção de Feijão Bóer, 2016/17

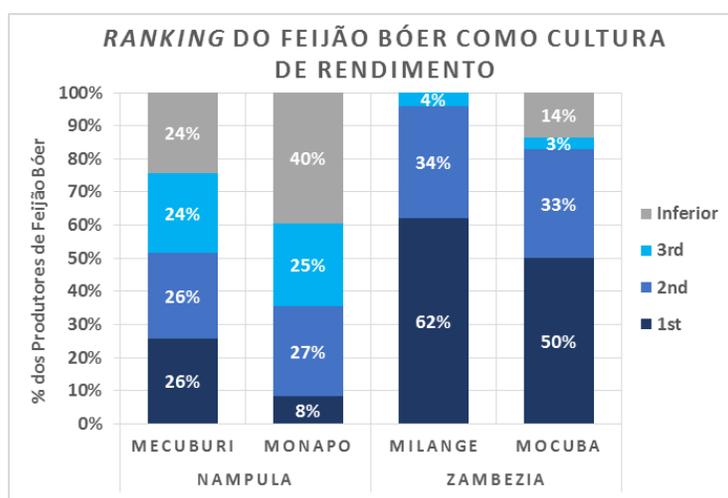


## 4. Alimentação ou Dinheiro

O feijão bóer é altamente nutritivo e os agricultores moçambicanos produzem-no tanto como cultura alimentar, assim como cultura de rendimento. Contudo, embora seja um alimento popular na Índia, a maioria dos produtores moçambicanos de feijão bóer não o consome de forma frequente, apesar da diferença significativa de padrões de consumo entre os distritos.

Embora muitos agricultores só tenham começado a produzir o feijão bóer na última década, este foi rapidamente estabelecido como uma das principais culturas de rendimento, particularmente na Zambézia (veja Figura 2), onde 90% de todos os agricultores de feijão bóer consideram-no entre as duas culturas de rendimento mais importantes.

**Figura 2.** Importância do Feijão Bóer como Cultura de Rendimento



Em Milange, 62% indica que é a cultura de rendimento mais importante, o que certamente justifica as preocupações sobre o impacto local do colapso de preços na economia local. Em Nampula, a importância do feijão bóer é menor do que na Zambézia, mas 44% indicam que o feijão bóer pertence às suas duas culturas de rendimento mais importantes.

A Tabela 4 mostra a proporção de agricultores de feijão bóer que também cultivou uma série de outras culturas de rendimento importantes no centro e norte de Moçambique. Em primeiro lugar, é importante notar que 20% dos agricultores de feijão bóer na Zambézia não cultivaram nenhuma dessas outras culturas de rendimento, tornando-se altamente dependentes das vendas do feijão bóer. Embora alguns destes agricultores tivessem seleccionado a categoria de “outras” culturas de rendimento, isto referia-se principalmente a vendas de excedentes de milho ou produção de mandioca, que são predominantemente produzidos para o consumo familiar.

Os agricultores de feijão bóer de Nampula parecem ter um portfólio agrícola muito mais diversificado. Apenas 6% não cultivaram nenhuma das culturas de rendimento listadas para além do feijão bóer, enquanto 65% tiveram pelo menos duas delas. Quase todos

os produtores de feijão bóer também cultivaram amendoim, enquanto outras importantes culturas de rendimento incluíam vegetais, caju, algodão e gergelim. Por outro lado, na Zambézia, apenas 32% dos agricultores de feijão bóer cultivou pelo menos duas das outras culturas de rendimento. As discussões dos grupos focais confirmam a ideia de que Nampula tem um sector agrícola mais diversificado. Questionados sobre outras culturas de rendimento importantes, o gergelim foi o único que foi destacado por pelo menos metade das comunidades na Zambézia, enquanto isto foi o caso em Nampula para o gergelim, algodão e o feijão-holoco.

Antes de considerar as implicações dessas ilações sobre o impacto do colapso do preço do feijão bóer, é importante ressaltar que os números se referem ao que os agricultores cultivaram, e não ao fruto dos seus esforços. Por exemplo, Da Cruz e Oppewal (2017b) salientaram que uma parte significativa dos agricultores de feijão bóer da Zambézia também tinha produzido gergelim, mas que a colheita tinha sido miserável devido a pragas. O gergelim é uma cultura mais sensível do que o feijão bóer, mas o número de agricultores na Zambézia que tem acesso aos pesticidas necessários para o seu cultivo é bastante reduzido.

Em segundo lugar, é importante notar que a Tabela 4 apenas mostra se um agricultor plantou ou não essas culturas, e não nos fala sobre a sua importância em comparação ao feijão bóer. Por exemplo, um agregado familiar que confirme a produção de hortícolas pode, de facto, ter apenas uma pequena quantidade disponível para venda.

**Tabela 4.** Outras Culturas de Rendimento Produzidas por Agricultores de Feijão Bóer, 2016/17

Local	Gergelim	Caju	Algodão	Girassol	Feijões	Tabaco	Hortícolas	Amen-doim	Nenhuma outra cultura de rendimento	1 outra cultura de rendimento
Mecuburi	16%	16%	23%	0%	4%	1%	37%	91%	5%	31%
Monapo	41%	16%	16%	1%	2%	0%	42%	91%	7%	26%
<b>Nampula</b>	<b>26%</b>	<b>16%</b>	<b>20%</b>	<b>0%</b>	<b>3%</b>	<b>0%</b>	<b>39%</b>	<b>91%</b>	<b>6%</b>	<b>29%</b>
Milange	38%	0%	1%	4%	8%	3%	39%	27%	21%	50%
Mocuba	31%	2%	1%	2%	11%	0%	40%	59%	19%	44%
<b>Zambezia</b>	<b>35%</b>	<b>1%</b>	<b>1%</b>	<b>3%</b>	<b>10%</b>	<b>2%</b>	<b>39%</b>	<b>41%</b>	<b>20%</b>	<b>48%</b>

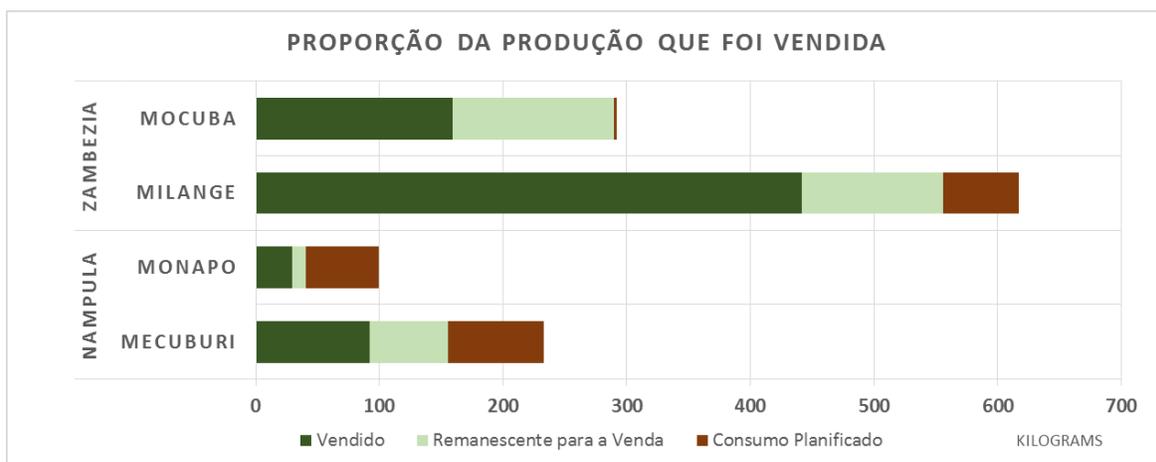
A Tabela 5 confirma que em ambas as províncias, o feijão bóer serve simultaneamente como cultura alimentar e de rendimento. Começando com a produção total reportada e subtraindo o volume realmente vendido, assim como o volume “*remanescente para a venda*”, ou seja, a parte que os agricultores gostariam de vender, mas não conseguiram, chegamos a uma estimativa da quantidade que os agricultores teriam preferido manter para o consumo se as condições do mercado tivessem sido favoráveis. Na Zambézia, os agricultores teriam mantido, em média, pouco menos de 40 kg para consumo, correspondendo a 8% da produção, enquanto os agricultores em Nampula teriam mantido quase 70 kg (40% da sua produção). Estes valores estão de acordo com as estimativas de que os agricultores moçambicanos mantêm aproximadamente 1 saco (50 kg) por família para fins de consumo (Da Cruz e Oppewal 2017a).

**Tabela 5.** Produção e Venda de Feijão Bóer por Família, 2016/17

Local	Produção (KG)	Vendido		Remanescente para a Venda		Planificado para o Consumo	
		KG	%	KG	%	KG	%
Mecuburi	232.8	91.9	39%	63.8	27%	77.1	33%
Monapo	99.4	29.3	29%	11.0	11%	59.1	59%
<b>Nampula</b>	<b>175.6</b>	<b>65.0</b>	<b>37%</b>	<b>41.2</b>	<b>23%</b>	<b>69.4</b>	<b>40%</b>
Milange	617.3	441.9	72%	113.8	18%	61.6	10%
Mocuba	291.8	159.2	55%	130.7	45%	1.9	1%
<b>Zambezia</b>	<b>478.9</b>	<b>321.7</b>	<b>67%</b>	<b>121.0</b>	<b>25%</b>	<b>36.2</b>	<b>8%</b>
<b>Média</b>	<b>321.3</b>	<b>188.3</b>	<b>59%</b>	<b>79.5</b>	<b>25%</b>	<b>53.4</b>	<b>17%</b>

Do total produzido, 83% teria sido destinado à comercialização. No entanto, dada a perturbação do mercado de exportação, os agricultores só conseguiram vender apenas 59%. Como resultado, os agricultores têm nos celeiros grandes volumes de feijão bóer que eles gostariam de vender, representado pela cor verde-claro na Figura 3. Como percentagem da produção total, esses volumes variam de 11% em Monapo a 45% em Mocuba. Em termos absolutos, os volumes involuntariamente não vendidos são particularmente elevados na Província da Zambézia, com uma média de 121 kg por agricultor (Tabela 5). Note que isto significa que o volume total disponível para consumo aumentou de uma quantidade desejada de 36 kg por família para um total de mais de 155 kg, um aumento de mais de 300%. As discussões nos grupos focais na Zambézia confirmaram relatos de que alguns agricultores preferiram queimar o feijão bóer não colhido nos campos.

**Figura 3.** Destino da Colheita de Feijão Bóer (em Quilogramas) 2016/17



A maior disponibilidade de feijão bóer, particularmente na Zambézia, poderia explicar parcialmente os resultados apresentados na Tabela 6, mostrando que 57% dos

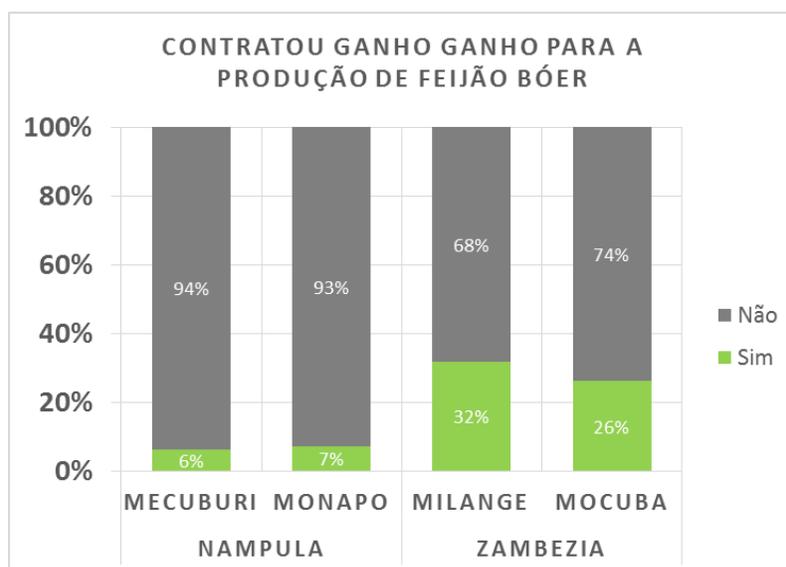
produtores de feijão bóer naquela província consideravam-na a cultura alimentar mais importante. Se os preços tivessem sido atraentes e os agricultores tivessem vendido a maior parte de sua produção, mantendo menos de 50 kg para o consumo, é improvável que tantos agricultores classificassem-na como a cultura alimentar mais importante. Devido ao colapso dos preços, os agricultores passaram a consumir muito mais feijão bóer do que planejaram, e muito mais do que nos anos anteriores. Mais de 60% dos agricultores de feijão bóer na Zambézia indicaram que tinham consumido feijão bóer pelo menos três vezes durante a última semana. Os resultados das discussões dos grupos focais sugerem que o alto nível de consumo de feijão bóer, particularmente na Zambézia, foge a regra, muito ligado ao colapso dos preços, porque foi enfatizado que a maioria dos membros da comunidade não consome tradicionalmente grandes quantidades de feijão bóer, e que eles produzem a cultura principalmente como uma fonte de rendimento financeiro. Entretanto, em Nampula, apenas 6% tinham consumido feijão bóer pelo menos três vezes na semana anterior, o que pode ser explicado pelo facto de que muitos agricultores em Nampula produzem uma quantidade muito baixa (Figura 1), possivelmente já tendo terminado o seu *stock* no momento em que a pesquisa foi realizada

**Tabela 6.** Feijão Bóer: Classificado como Cultura Alimentar

<b>Local</b>	<b>1º</b>	<b>2º</b>	<b>3º</b>	<b>Inferior</b>
Mecuburi	9%	17%	38%	37%
Monapo	1%	7%	28%	64%
<b>Nampula</b>	<b>5%</b>	<b>13%</b>	<b>33%</b>	<b>48%</b>
Milange	64%	31%	3%	2%
Mocuba	47%	32%	7%	15%
<b>Zambezia</b>	<b>57%</b>	<b>31%</b>	<b>5%</b>	<b>7%</b>

A diferença entre Nampula e Zambézia em termos de participação e volume de produção de feijão bóer destinada à venda é também evidente no uso de mão-de-obra contratada durante o seu cultivo. Os agricultores geralmente trabalham no seu próprio terreno, mas no centro e norte de Moçambique é comum que os grandes agricultores, com mais condições, contratem pequenos agricultores para ajudar a trabalhar a sua terra em fases críticas do processo produtivo. Esta prática é localmente conhecida por *ganho-ganho* e é paga diariamente, em dinheiro ou comida. A contratação de mão-de-obra adicional para aumentar a produção sugere a existência de objectivos comerciais, com a intenção de vender pelo menos uma parte da safra. A Figura 4 mostra que 30% dos agricultores de feijão bóer da Zambézia contrataram os serviços de *ganho-ganho* na produção do feijão bóer, enquanto apenas 7% o fizeram em Nampula. Na Zambézia, foram predominantemente os agricultores de maior tamanho que contrataram o *ganho-ganho*.

**Figura 4.** Uso do Trabalho Ganho-Ganho na Produção de Feijão Bóer



Como esperado, os agricultores enfrentaram sérias dificuldades em tentar vender a colheita de 2017. Quase 60% dos produtores de feijão bóer em Nampula e mais de 85% dos agricultores da Zambézia alegam dificuldades devido aos preços extremamente baixos ou à completa ausência de compradores.

**Tabela 7.** Preço em Que Foi Vendido o Feijão Bóer, 2017

Local	Média (MZN)	Mediana (MZN)
Mecuburi	12.8	10
Monapo	16.9	15
<b>Nampula</b>	<b>14.6</b>	<b>11</b>
Milange	5.7	5
Mocuba	4.7	5
<b>Zambezia</b>	<b>5.3</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>10.1</b>	<b>5</b>

A Tabela 7 confirma que a interrupção das exportações levou a um colapso de preços. Enquanto o preço para o agricultor estava próximo de 50 MZN/kg em 2017, o preço médio de venda na Zambézia em 2018 era de apenas 5.3 MZN/kg. Na Província de Nampula, e particularmente no Distrito de Monapo, um número bastante reduzido de agricultores vendeu quantidades significativas. A maior parte da venda envolvia a venda de pequenas quantidades de feijão bóer fresco nos mercados locais, obtendo um preço mais alto por quilo. Embora isto possa explicar parte da diferença entre os preços observados entre os distritos, a diferença é de tal magnitude (média de MZN 4.7 em Mocuba versus MZN 16.9 em Monapo) que sugere a necessidade de melhoramento na monitoria do preço e no sistema de informação de mercado.

Tais esforços são particularmente importantes, considerando que, actualmente, pouquíssimos agricultores têm acesso a qualquer informação externa sobre preços. Quase 60% dos agricultores referem que o próprio comerciante a quem vendem o feijão bóer é a sua principal fonte de informação sobre os preços (Tabela 8).

**Tabela 8.** Fontes de Informação sobre Preços

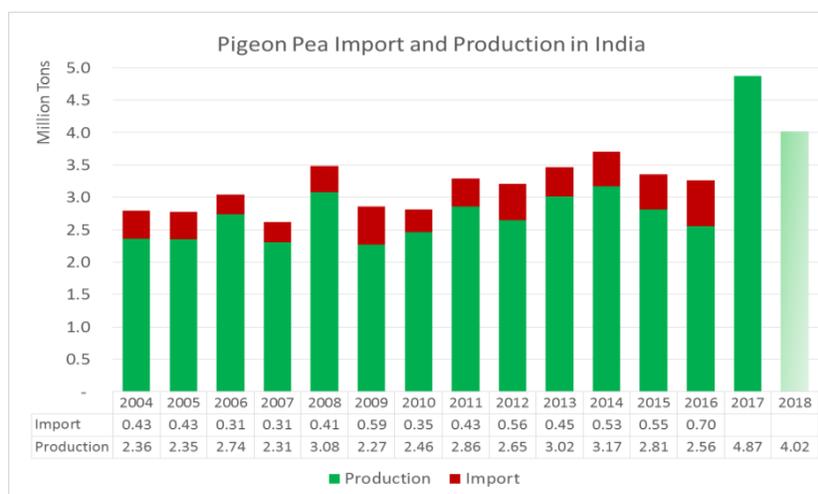
Local	Vizinhos	Empresa	Comerciante, Comprador	Radio	Telefone	SDAE / Técnico de Extensão	Outro
Mecuburi	38%	0%	53%	2%	0%	1%	5%
Monapo	43%	0%	55%	0%	0%	0%	2%
<b>Nampula</b>	<b>40%</b>	<b>0%</b>	<b>54%</b>	<b>1%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>4%</b>
Milange	2%	0%	70%	0%	0%	0%	29%
Mocuba	1%	2%	53%	6%	0%	1%	36%
<b>Zambezia</b>	<b>1%</b>	<b>1%</b>	<b>63%</b>	<b>2%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>32%</b>
<b>Total</b>	<b>22%</b>	<b>0%</b>	<b>58%</b>	<b>2%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>17%</b>

Em Nampula, mais de 40% obtêm informações sobre preços dos seus vizinhos. Enquanto 32% dos agricultores na Zambézia reportaram “outro” como fonte de informação de preços, é mais provável que isto também se refira aos vizinhos ou aos comerciantes. O acesso a fontes formais externas de informação sobre os preços é insignificante, pois 0% obtêm essas informações via telefone ou serviços distritais ou extensionistas, enquanto apenas 2% recebem-na através da rádio.

A discussão acima refere-se à informação de preços durante o período de vendas do feijão bóer. Contudo, outra dimensão relevante da informação de mercado é ter acesso à informação das tendências do mercado global, para formar expectativas sobre a dinâmica de preços no futuro, que poderiam ser usadas como base para decidir sobre a produção de feijão bóer no início de uma nova campanha agrícola. Os eventos de 2016 e 2017 mostraram que pouca gente ou organizações em Moçambique têm acesso a este tipo de inteligência de mercado para o caso do feijão bóer (Da Cruz e Oppewal 2017a). Em teoria, o colapso dos preços poderia ter sido antecipado assim que as primeiras previsões oficiais de uma super colheita na Índia fossem publicadas pelo Ministério da Agricultura da Índia em Setembro de 2016, três meses antes dos agricultores moçambicanos começarem a plantar.

Um cenário semelhante poderia acontecer em 2018, já que as estimativas oficiais da colheita indiana apontam para uma outra super colheita. Embora a produção total seja inferior ao recorde de 4.8 milhões de toneladas em 2017, a colheita estimada em 4 milhões de toneladas ainda estaria bem acima do consumo interno (veja Figura 5). Considerando que ainda existem grandes stocks remanescentes de 2017, não é provável que os preços se recuperem no mercado indiano. Mesmo que os actuais preços de INR 35-40/kg justifiquem um preço ao produtor em Moçambique de pelo menos MZN 12/kg, os preços reais em Moçambique dependerão das decisões da política comercial da Índia. Se a quota de importação for prolongada, os preços agrícolas em Moçambique poderão ainda permanecer abaixo desse nível.

**Figura 5.** Produção e Importação de Feijão Bóer na Índia



Fonte: da Cruz and Oppewal (2017a)

Considerando que o feijão bóer é, pelo menos em parte, uma cultura de rendimento, pode-se esperar que os agricultores moçambicanos tenham abandonado o feijão bóer na sequência do colapso dos preços em 2017, ou pelo menos reduziram drasticamente a área dedicada a esta cultura.

No entanto, a Tabela 9 mostra que esse não é o caso. Em Nampula, 9% dos produtores de feijão bóer da campanha 2016/17 declararam ter deixado de produzi-lo, enquanto outros 48% reduziram a área. Na Zambézia, por outro lado, onde o feijão bóer é mais importante como cultura de rendimento, os agricultores não mostram sinais de abandono, já que 44% aumentaram a área de feijão bóer, enquanto outros 25% mantêm a mesma área da campanha anterior. Não há ainda dados suficientes que nos permitem dizer com confiança porquê muitos agricultores na Zambézia continuaram, ou mesmo aumentaram, a produção de feijão bóer. Alguns agricultores relataram, no entanto, que esperam que os preços do feijão bóer recuperem até aos altos níveis de 2015 e 2016. Se eles tivessem acesso à inteligência do mercado, apontando para a probabilidade de continuar com preços baixos em 2018, dadas as condições do mercado indiano, alguns teriam tomado uma decisão diferente.

**Tabela 9.** Cultivo do Feijão Bóer 2017/18 em Comparação com Época Anterior

Local	Deixou de Produzir Feijão Bóer	Continua Produzir Feijão Bóer		
		Diminuiu Área	Área Igual	Aumentou Área
Mecuburi	11%	52%	16%	20%
Monapo	7%	43%	21%	29%
<b>Nampula</b>	<b>9%</b>	<b>48%</b>	<b>18%</b>	<b>24%</b>
Milange	4%	20%	29%	46%
Mocuba	5%	36%	18%	41%
<b>Zambezia</b>	<b>4%</b>	<b>27%</b>	<b>25%</b>	<b>44%</b>
<b>Total</b>	<b>7%</b>	<b>38%</b>	<b>21%</b>	<b>34%</b>

## 5. Impacto do Colapso do Preço de Feijão Bóer em 2017

### Perda de Renda

Com base no acima exposto, seria de esperar que o impacto do colapso do preço do feijão bóer fosse mais severo na Zambézia, pelas seguintes razões:

- i. Os preços eram muito mais baixos na Zambézia;
- ii. Os agricultores tinham menos culturas de rendimento alternativas, pelo que a importância relativa do feijão bóer era maior;
- iii. Os agricultores produziram muito feijão bóer e planearam uma parte maior da sua produção para ser vendida;
- iv. Os agricultores tinham investido mais na produção de feijão bóer, por exemplo, através da contratação de mão-de-obra ganho-ganho.

De facto, com base nas informações da Tabela 5 e Tabela 7, podemos fazer uma estimativa aproximada da perda média em termos de renda esperada por família (ver Tabela 10). Para o propósito deste exercício, assumimos por hipótese que os agricultores esperavam um preço de cerca de 30 MZN/kg. Comparando as vendas perspectivadas a esse preço com as vendas e os preços reais, observamos grandes diferenças entre os quatro distritos. Em Milange, o agregado familiar médio recebeu MZN 14,000 a menos do que esperava ter da cultura de feijão bóer, um valor significativo na zona rural em Moçambique. Em Mocuba, o valor “perdido” é de cerca de 8,000 MZN por agregado familiar, ao passo que é de apenas 3,500 MZN em Mecuburi e apenas MZN 713 em Monapo. Obviamente este exercício está longe de ser perfeito. Por exemplo, a colheita real poderia ser diferente das suas expectativas iniciais de produção. No entanto, é útil apresentar uma ideia aproximada da renda “perdida”, comparada às expectativas e com isso dar uma ideia da magnitude do choque adverso causado pelo colapso de preço.

**Tabela 10.** Colapso do Preço do Feijão Bóer e Redução na Receita Esperada

Local	A	B	C	D	E	F	G	H
	Vendido (KG)	Remanescente para a Venda (KG)	Planificado a Vender (KG) (A + B)	Preço Esperado (MZN)	Receita Esperada (MZN) (C x D)	Preço Médio (MZN)	Receita Real (MZN) (A x F)	Diferença (MZN) (E - G)
Mecuburi	91.9	63.8	155.7	30.0	4,670	12.8	1,180	3,491
Monapo	29.3	11.0	40.3	30.0	1,208	16.9	495	713
<b>Nampula</b>	<b>65.0</b>	<b>41.2</b>	<b>106.2</b>	<b>30.0</b>	<b>3,187</b>	<b>14.6</b>	<b>948</b>	<b>2,238</b>
Milange	441.9	113.8	555.7	30.0	16,672	5.7	2,518	14,154
Mocuba	159.2	130.7	289.9	30.0	8,696	4.7	754	7,942
<b>Zambezia</b>	<b>321.7</b>	<b>121.0</b>	<b>442.7</b>	<b>30.0</b>	<b>13,281</b>	<b>5.3</b>	<b>1,702</b>	<b>11,579</b>

## **Impacto na Segurança Alimentar das Famílias**

A pesquisa teve como um dos objectivos a avaliação do efeito do colapso de preços no poder de compra das famílias dos agricultores que dependem da produção do feijão bóer, com foco no consumo de alimentos. O PMA fez aos mesmos 447 entrevistados um conjunto de perguntas relacionadas com o consumo de alimentos e estratégias para enfrentar a situação com o intuito de providenciar uma compreensão mais profunda do impacto do colapso do preço do feijão bóer.

O **Índice de Consumo Alimentar (ICA)** é o indicador de aproximação do PMA para o acesso da família a alimentos. É uma pontuação composta que mede a diversidade alimentar, frequência de consumo e importância nutricional relativa de diferentes grupos alimentares. O cálculo do ICA toma em conta o número de grupos de alimentos consumidos por uma família durante um período de sete dias (diversidade alimentar); o número de dias que um determinado grupo alimentar é consumido (frequência alimentar); e a importância nutricional relativa de diferentes grupos de alimentos. O ICA é usado para classificar os agregados familiares em três grupos: consumo alimentar fraco, normal ou aceitável. Esses grupos de consumo de alimentos agregam famílias com padrões dietéticos semelhantes - em termos de frequência de consumo e diversidade - e acesso a alimentos.

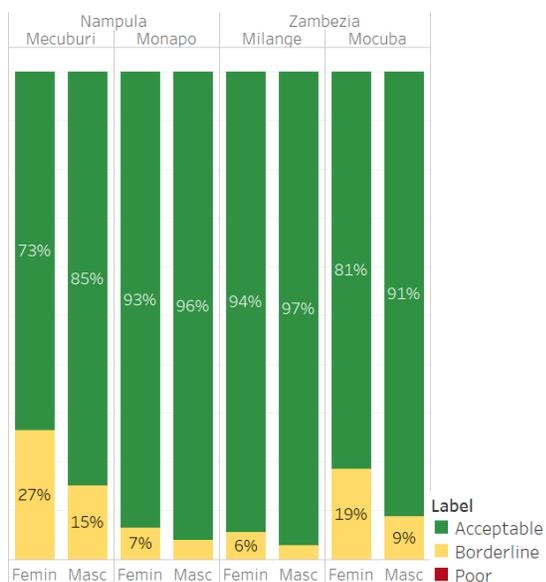
- Consumo alimentar fraco: famílias que não consomem alimentos básicos e vegetais todos os dias e nunca ou muito raramente consomem alimentos ricos em proteínas, como carne e lacticínios.
- Consumo alimentar *“borderline”*<sup>3</sup>: famílias que consomem alimentos básicos e vegetais todos os dias, acompanhadas de óleo e leguminosas algumas vezes por semana.
- Consumo alimentar aceitável: famílias que consomem alimentos básicos e vegetais todos os dias, frequentemente acompanhados de óleo e leguminosas, e ocasionalmente carne, peixe e lacticínios.

A análise do ICA feita para este relatório sugere que a maioria dos agregados familiares em ambas as províncias tinha um consumo alimentar aceitável. Isto talvez não seja surpreendente, visto que condições climáticas favoráveis se traduziram em altos níveis de produção de alimentos. A maior proporção de agregados familiares com um consumo alimentar *borderline* situou-se em 27 por cento, no Distrito de Mecuburi, na Província de Nampula e estes agregados familiares eram chefiados por mulheres. No geral, os agregados chefiados por mulheres estavam em maior número no grupo Consumo alimentar *borderline* do que os chefiados por homens (veja **Figura 7**).

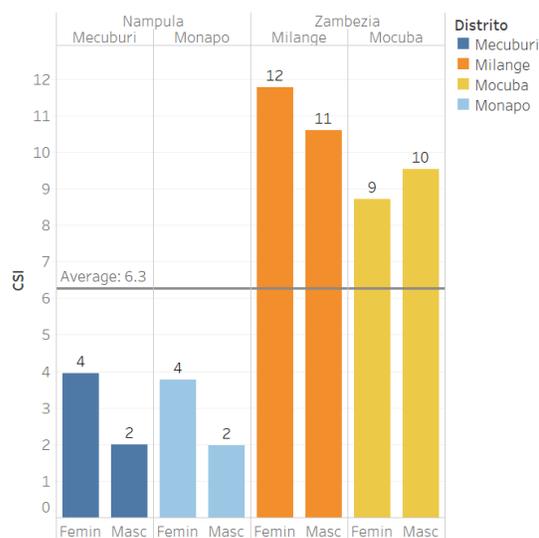
---

<sup>3</sup> Consumo minimamente aceitável

**Figura 6. Pontuação do Consumo Alimentar**



**Figura 7. Índice de Estratégias de Adaptação.**



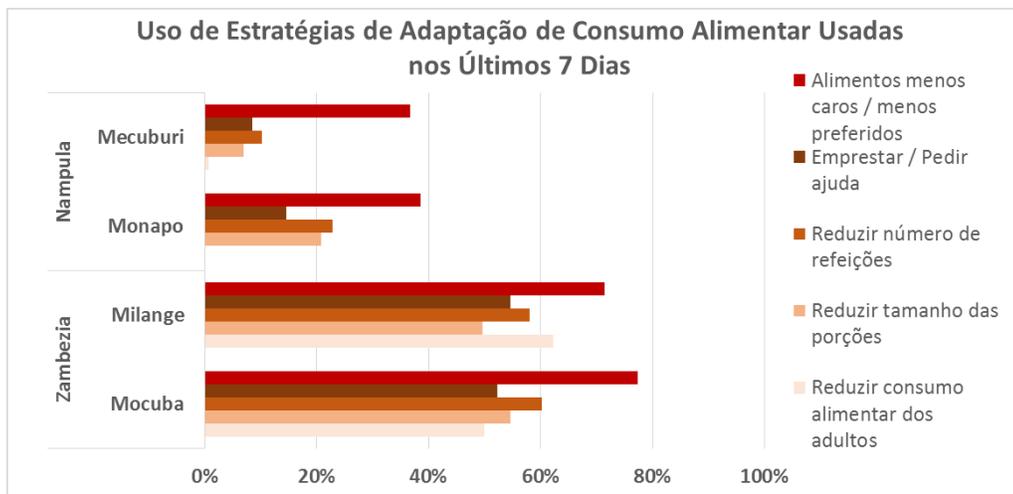
O **Índice de Estratégias de Adaptação (IEA)<sup>4</sup> do consumo alimentar** é usado para avaliar o nível de constrangimentos enfrentados por um agregado familiar devido a escassez de alimentos (o constrangimento é aqui considerado como a dificuldade enfrentada por um determinado agregado familiar, traduzindo-se em respostas comportamentais específicas). O IEA é medido através da combinação da frequência e gravidade das estratégias baseadas no consumo alimentar que são adoptadas pelas famílias.

O uso de estratégias de consumo alimentar foi avaliado usando um conjunto de cinco perguntas, onde a família foi questionada se, devido ao colapso do preço do feijão bóer, ela teria que usar os seguintes mecanismos de sobrevivência nos últimos 7 dias: (i) comer alimentos menos caros e menos preferidos, (ii) tomar a comida por emprestada ou pedir ajuda, (iii) reduzir o número de refeições, (iv) limitar o tamanho das porções e (v) reduzir o consumo de alimentos para adultos para que haja mais comida para as crianças.

Os agregados familiares que cultivam o feijão bóer na Zambézia utilizam estes mecanismos muito mais extensivamente do que os de Nampula (Figura 8). Em particular, na Zambézia, mais de 70% recorrem a alimentos menos dispendiosos, mas menos preferidos. Uma parte significativa disso é provavelmente devido ao consumo adicional de feijão bóer, porque não há dinheiro para comprar outros tipos de alimentos que são de primeira escolha.

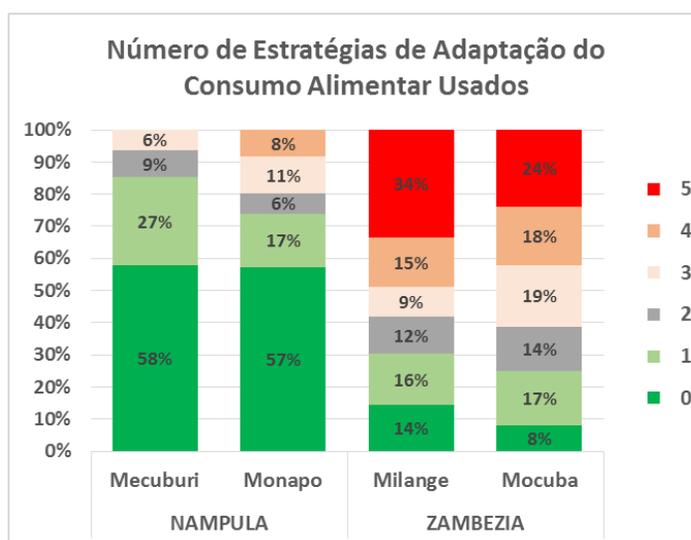
<sup>4</sup> Coping Strategy Index (CSI) em inglês

**Figura 8.** Estratégias de Adaptação do Consumo Alimentar Usadas na Resposta ao Colapso do Preço de Feijão Bóer



A Figura 9 é ainda mais reveladora da grande diferença entre Nampula e Zambézia, mostrando o uso combinado de vários desses mecanismos de sobrevivência. Enquanto menos de 25% dos agregados familiares em Nampula usaram mais do que um destes mecanismos na semana anterior à entrevista, na Zambézia foram mais de 70% dos agregados familiares. Além disso, perto de 30% dos agregados familiares na Zambézia utilizaram todas as cinco estratégias de adaptação, enquanto 0% dos agregados familiares em Nampula utilizaram todas as cinco.

**Figura 9.** Número de Estratégias de Adaptação do Consumo Alimentar Usados nos Últimos 7 Dias



O módulo de **estratégias de adaptação dos meios de subsistência**<sup>5</sup> é usado para melhor entender a capacidade de adaptação e sobrevivência das famílias no longo prazo. O módulo foi adaptado para se adequar ao contexto de Moçambique e às condições de vida das pessoas pobres. Os agregados inquiridos foram questionados se recorreram, nos últimos 30 dias, ao uso de uma serie de estratégias, a maioria das quais não estão directamente relacionadas com os alimentos (veja Tabela 10). Cada estratégia está associada a um nível de gravidade (nenhum, *stress*, crise ou emergência), que é específico ao país.

- *As estratégias de stress* indicam uma capacidade reduzida de lidar com choques futuros como resultado de uma redução dos recursos disponíveis ou aumento de dívidas.
- *As estratégias de crise* são frequentemente associadas à redução directa da produtividade futura.
- *As estratégias de emergência* também afectam a produtividade futura, mas são mais difíceis de se reverter ou são de natureza mais dramática do que as estratégias de crise.

Geralmente, o uso destes mecanismos de adaptação é muito mais generalizada na Zambézia, onde 88% dos agregados familiares produtores de feijão bóer recorreram a pelo menos um deles, do que em Nampula, onde o valor equivalente é de 60%. Além disso, um agregado familiar da Zambézia empregou uma média de 3.3 destes mecanismos no mês anterior, contra 1 em Nampula.

De sublinhar, o tipo de mecanismos empregues em Nampula parecem ser menos intensos, com um forte foco em “gasto de poupanças”, que é o mais suave dos mecanismos examinados. Quando tiramos este mecanismo em particular, a percentagem de produtores de feijão bóer em Nampula que utilizaram pelo menos um outro mecanismo diminui para 43%, enquanto a figura na Zambézia permanece alta, com 84% (Tabela 10).

Olhando cuidadosamente para o caso da Zambézia, alguns dados destacam-se em particular. Em primeiro lugar, 48% dos produtores de feijão bóer reduziram os gastos não alimentares, enquanto 52% reduziram o consumo de alimentos para adultos. A Figura 8 já havia mostrado que 74% dos agricultores da Zambézia recorreram a alimentos menos preferidos. Embora não definido na questão, sabemos que isso se refere, em muitos casos, ao consumo de feijão bóer, o que significa que as famílias compram menos de outros géneros alimentícios. Juntando todos esses números, torna-se plausível assumir que o gasto total em produtos alimentares e não-alimentares tenha reduzido a tal ponto que teria implicações para a economia em geral nesses distritos. Isso está de acordo com as observações feitas por Da Cruz e Oppewal (2017b) de que proprietários de lojas nas capitais distritais foram

---

<sup>5</sup> “livelihoods-based coping strategies”, em inglês

directamente afectados, uma vez que têm menos clientes e o seu facturamento reduziu.

Outro mecanismo que tem sido amplamente utilizado na Zambézia é a redução da contratação de mão-de-obra para o ganho-ganho. Considerando que isso constitui um componente crucial dos mercados de trabalho rurais, o facto de que 38% dos agricultores de feijão bóer (correspondentes a 36% de todos os agricultores) estão a reduzi-lo, é um desenvolvimento significativo, com prováveis efeitos colaterais sobre a economia rural.

Outros indicadores do nível de dificuldades enfrentadas pelas famílias de agricultores na Zambézia são a percentagem de agregados familiares que vendem animais fêmeas (46%), vendem animais de grande porte (29%), vendem bens produtivos (7%) e vendem bens domésticos (14%).

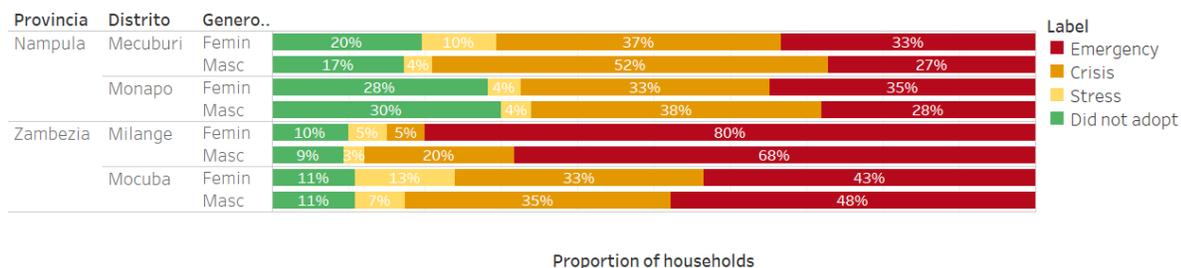
Finalmente, um dado preocupante é que 6% dos agricultores de feijão bóer na Zambézia indicam que o colapso dos preços levou-os a tirar os seus filhos da escola. Nas discussões dos grupos focais, todas as comunidades entrevistadas em Mocuba indicaram que o declínio dos preços afectou a escolaridade dos filhos de uma forma ou de outra.

**Tabela 10.** Estratégias de Adaptação dos Meios de Subsistência, Utilizadas em Resposta ao Colapso do Preço de Feijão Bóer nos Últimos 30 Dias

Mecanismo de Adaptação	Nampula		Nampula	Zambezia		Zambezia	TOTAL
	Mecuburi	Monapo		Milange	Mocuba		
Gastar Poupanças	26%	26%	<b>26%</b>	38%	42%	<b>40%</b>	32%
Reduzir Gastos Não-Alimentares	21%	10%	<b>17%</b>	51%	44%	<b>48%</b>	32%
Vender Animais Fêmeas	21%	3%	<b>13%</b>	58%	30%	<b>46%</b>	29%
Reduzir Consumo Alimentar dos Adultos	1%	0%	<b>0%</b>	53%	51%	<b>52%</b>	25%
Reduzir Ganho Ganho	9%	13%	<b>11%</b>	39%	38%	<b>38%</b>	24%
Pedir Emprestado Dinheiro	14%	4%	<b>10%</b>	26%	22%	<b>24%</b>	17%
Vender Animais de Porte	8%	2%	<b>5%</b>	40%	14%	<b>29%</b>	17%
Pedir Emprestado Comida	9%	4%	<b>7%</b>	19%	19%	<b>19%</b>	13%
Vender Bens	5%	1%	<b>3%</b>	20%	6%	<b>14%</b>	8%
Vender Activos Produtivos	3%	0%	<b>2%</b>	9%	5%	<b>7%</b>	4%
Tirar Crianças da Escola	2%	0%	<b>1%</b>	9%	2%	<b>6%</b>	4%
Arrendar / Vender Terreno	3%	1%	<b>2%</b>	4%	3%	<b>4%</b>	3%
Arrendar / Vender Casa	2%	1%	<b>2%</b>	3%	2%	<b>2%</b>	2%
Mendigar	0%	0%	<b>0%</b>	3%	0%	<b>1%</b>	1%
Número Médio de Estratégias	1.2	0.7	<b>1.0</b>	3.7	2.8	<b>3.3</b>	2.1
Pelo Menos 1 Estratégia	66%	52%	<b>60%</b>	88%	89%	<b>88%</b>	74%
Pelo Menos 1 Estratégia, excluindo "Gastar as Poupanças"	52%	30%	<b>43%</b>	87%	81%	<b>84%</b>	63%

A Figura 10 utiliza as respostas sobre as estratégias de sobrevivência baseadas na subsistência para criar um índice, mostrando que uma elevada percentagem de agregados familiares na Zambézia, particularmente no Distrito de Milange, encontram-se numa situação que poderia ser rotulada de “emergência.”

**Figura 10. Estratégias de sobrevivência baseadas em Meios de Subsistência**



Certas advertências existem em relação à interpretação dos resultados apresentados neste capítulo, principalmente a questão de até que ponto o uso das estratégias negativas de adaptação está realmente ligado ao colapso do preço do feijão bóer, já que outros factores poderiam estar envolvidos. No entanto, temos boas razões para acreditar que uma parte significativa das diferenças observadas entre as duas províncias pode de facto estar ligada à dinâmica do feijão bóer. Primeiramente, os entrevistados foram questionados sobre o uso de estratégias como resultado do cenário de preços baixos de feijão bóer. Em segundo lugar, olhando para os quatro distritos, o uso de mecanismos de adaptação está fortemente correlacionado ao valor absoluto da perda estimada de renda que pode ser directamente atribuída ao colapso do preço do feijão bóer (Tabela 10). Milange, o distrito com a maior estimativa de perda, também tem o maior uso de mecanismos de adaptação. A ordem dos distritos é idêntica em ambos os indicadores, com Milange seguido por Mocuba, Mecuburi e finalmente Monapo. De salientar que as estimativas de renda “perdida” para os distritos da Zambézia (MZN 14,154 para Milange e MZN 7,942 para Mocuba) são muito altas, quando consideramos que, para a Quarta Avaliação Nacional da Pobreza, a linha de pobreza não alimentar para a zona rural da Zambézia foi fixada em 4.5 MZN por pessoa por dia (MEF 2016). Ajustado pela inflação, seria de 5.5 por pessoa por dia em 2017, o que significa que o rendimento “perdido” por agregado familiar em Milange poderia ter garantido despesas básicas não alimentares para uma família de 7 pessoas durante um ano inteiro.

A comparação de indicadores de segurança alimentar com avaliações passadas é problemática pelo facto de que os dados foram recolhidos em diferentes períodos de tempo. Tendo presente esta advertência, é possível fazer referência à mais recente avaliação nacional de segurança alimentar realizada pelo SETSAN em Junho de 2017. O presente estudo constatou que cerca de 2/3 dos agregados familiares nestes distritos recorreram a algum tipo de estratégias de adaptação extremamente negativas que envolvem esgotamento dos meios de subsistência. Quando comparamos o índice baseado nos meios de subsistência, é evidente que os indicadores pioraram na Zambézia. Em particular, no Distrito de Milange, 80 por cento dos agregados familiares chefiados por mulheres (e 68 por cento dos agregados familiares chefiados por homens) estavam em fase de emergência, significativamente mais elevado do que a média da Província da Zambézia em Junho de 2017 (51 por cento).

## 6. Conclusão e Recomendações

As principais constatações dos inquéritos aos agregados familiares e análise dos dados são:

- O feijão bóer é uma cultura importante na Zambézia e Nampula, produzido por aproximadamente 97% dos agricultores nos distritos de Milange, Mocuba, Mecuburi e Monapo.
- A grande maioria dos agricultores começou a produzir feijão bóer durante a última década.
- A produção média por agregado familiar é muito maior na Zambézia, com 469 kg por agregado familiar, do que em Nampula (176 kg). Mais de 60% dos agricultores de feijão bóer em Nampula produziram menos de 100 kg, enquanto apenas 14% dos agricultores da Zambézia produziram abaixo deste nível. A participação dos agricultores que produziram mais de 500 kg foi de 22% na Zambézia, mas apenas 6% em Nampula.
- O feijão bóer é uma importante cultura de rendimento para os agricultores na Zambézia, onde 90% classificam o feijão bóer entre as duas culturas de rendimento mais importantes. A importância como cultura de rendimento é muito menor em Nampula, dado que os agricultores produzem volumes mais baixos e mantêm mais para consumo do que os agricultores na Zambézia.
- O campo agrícola em Nampula é mais diversificado do que na Zambézia, tanto ao nível dos agricultores individuais como ao nível das comunidades. Enquanto a única outra cultura comercial significativa na Zambézia parece ser gergelim, as comunidades agrícolas de Nampula também recebem rendimentos de algodão, caju, feijão holoco e outros.
- O colapso dos preços foi mais severo na Zambézia, onde os agricultores receberam uma média de 5.3 MZN / kg pelo seu feijão bóer.
- O consumo de feijão aumentou devido ao choque de preços, particularmente na Zambézia. Enquanto os agricultores venderam a maior parte de sua colheita de feijão bóer nos anos anteriores e planearam fazer o mesmo este ano, os preços extremamente baixos e a falta de compradores levaram-nos a aumentar o consumo.
- Muito poucos agricultores têm acesso a informação externa e neutras sobre os preços do feijão bóer, seja por meio de telefone, rádio ou indivíduos informados no sector privado ou no governo local. Em vez disso, eles simplesmente ouvem o preço do comerciante que vem comprar a sua produção. Entretanto, a diferença entre os preços reportados nos vários distritos é maior do que seria justificada com base na distância.
- A redução média do rendimento do feijão bóer por agregado familiar, em comparação com o rendimento esperado, é muito elevada na Zambézia, com mais de 14,000 meticais em Milange e quase 8,000 meticais em Mocuba.

- O Índice de Consumo Alimentar sugere que a maioria dos agregados familiares em ambas as províncias tinha um consumo alimentar aceitável.
- Cerca de 2/3 dos agregados familiares nas duas províncias recorreram a algum tipo de estratégia negativa de adaptação, envolvendo o esgotamento dos meios de subsistência. Os distritos de Milange e Mocuba, na Zambézia, têm a maior utilização de estratégias de adaptação baseadas na alimentação e nos meios de subsistência. A situação parece particularmente preocupante em Milange, onde 80% das famílias chefiadas por mulheres (e 68% das famílias chefiadas por homens) adoptaram estratégias de “emergência.”

### Recomendações

- O feijão bóer desempenha um papel muito importante nas zonas rurais da Zambézia e Nampula, visto que quase todos os agricultores produzem esta cultura. Isso exige maior atenção ao feijão bóer, por todas as partes interessadas e de forma sistemática. O feijão bóer deve ser atribuído a sua própria categoria nos dados estatísticos, em vez de ser incluído numa categoria geral de “feijões.” Além disso, o feijão bóer deve ser incluído nos sistemas de informação de preços.
- Os agricultores da zona rural da Zambézia sofreram um impacto significativo com o colapso dos preços do feijão bóer e o seu rendimento real em 2017 foi muito inferior ao que esperavam ou ao que tinham ganho nos últimos anos. Além disso, dado o número de agricultores gravemente afectados nestes distritos, é plausível que houve efeitos de transbordamento na economia local. Um esforço coordenado deve ser lançado para promover a diversificação para outras culturas nos distritos mais afectados, para tornar os agricultores e as economias locais em geral mais resilientes ao tipo de choque de mercado adverso que foi verificado em 2017. Com base em experiências das outras partes do país, a cadeia de valor do gergelim poderia ser fortalecida, apoiando o acesso aos insumos essenciais. Além disso, a promoção do feijão holoco, que está quase ausente em grande parte da Zambézia, pode ser uma opção viável e vantajosa. Tem muitas semelhanças com feijão bóer, mas tem um mercado internacional mais diversificado. Já existe a produção significativa do feijão holoco em Nampula.
- Apesar do choque do mercado, o feijão bóer está em Moçambique para ficar, já que a maioria dos agricultores não mostra sinais de abandoná-lo. Nesse contexto, é crucial reduzir a dependência do volátil mercado internacional (ou indiano) e evitar o tipo de colapso de preços de 2017 no futuro. O consumo doméstico do feijão bóer, uma leguminosa altamente nutritiva, deve ser estimulado, através da criação de consciência entre as comunidades agrícolas na Zambézia, e a sua inclusão em programas de alimentação escolar.

## Bibliografia

**Da Cruz and Oppewal (2017a).** “Análise da Cadeia de Valor de Feijão Bóer em Moçambique: Políticas Públicas e Plano de Acção”. International Growth Centre (IGC) e o Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar de Moçambique.

**Da Cruz and Oppewal (2017b).** “A Socio-Economic Crisis in Rural Mozambique”. International Growth Centre (IGC) Blog Post. Disponível em: <https://www.theigc.org/blog/socio-economic-crisis-rural-mozambique/>

**MEF (2016).** “Pobreza e Bem-Estar em Moçambique: Quarta Avaliação Nacional. Inquérito ao Orçamento Familiar – IOF 2014/15”. Ministério da Economia e Finanças, Maputo, Moçambique.

The International Growth Centre (IGC) aims to promote sustainable growth in developing countries by providing demand-led policy advice based on frontier research.

Find out more about our work on our website  
[www.theigc.org](http://www.theigc.org)

---

For media or communications enquiries, please contact  
[mail@theigc.org](mailto:mail@theigc.org)

---

Subscribe to our newsletter and topic updates  
[www.theigc.org/newsletter](http://www.theigc.org/newsletter)

---

Follow us on Twitter  
[@the\\_igc](https://twitter.com/the_igc)

---

Contact us  
International Growth Centre,  
London School of Economic and Political Science,  
Houghton Street,  
London WC2A 2AE

**IGC**

**International  
Growth Centre**

DIRECTED BY



FUNDED BY



Designed by [soapbox.co.uk](http://soapbox.co.uk)